



O convite nas conversas de porta de rua: uma concepção do gênero enquanto função social

Maria do Espírito Santo Guimarães Lessa¹

Resumo: Este trabalho adota a postura de Bazerman (2005) em identificar o gênero como um fato social. O objetivo que se almeja neste artigo é descrever como os grupos de pessoas que conversam nas portas de suas casas na cidade de Teresina (Piauí) concebem o gênero convite a partir de sua função social e informativa. A metodologia empregada para a coleta e obtenção de dados segue o modelo microetnográfico sugerido por Erickson (1990). Dentre as mais variadas amostras, o corpus selecionado para esta pesquisa é composto de eventos de oralidade e de letramento, especificamente, no que diz respeito a convites distribuídos e recebidos por dois grupos moradores da periferia da capital piauiense, de diferentes faixas-etárias. Todos moram na capital piauiense há mais de dez anos e tiveram pouco contato, ou contato em um curto período de duração com outra localidade há mais de dois anos. Os procedimentos de abordagem foram: a conversa informal, a observação, a descrição e a análise dos dados registrados e dos materiais coletados. Com isso, foi possível observar que, em alguns eventos, o ato de convidar só era legitimado e aceito pelos membros da comunidade como um fato real a partir da entrega ou recebimento do convite na modalidade escrita.

Palavras-chave: Convite. Função social. Portas de rua.

¹Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Piauí – UFPI.



1. Introdução

Este artigo, com caráter socioetnográfico, consiste em descrever os processos interacionais nos eventos de oralidade e de letramentos de grupos de pessoas que conversam nas portas de suas casas na cidade de Teresina – Piauí. Foi norteado a partir da seguinte indagação: como o gênero convite é concebido pelas pessoas que conversam nas portas de rua enquanto função social e informativa?

Com essa problematização, o objetivo almejado é descrever como os grupos de pessoas que conversam nas portas de suas casas na cidade de Teresina – Piauí concebem o gênero convite a partir de sua função social e informativa.

2. Fundamentação teórica

Bazerman (2005, p.11) afirma que gêneros são fatos sociais que nos permitem compreender as interações sob o ponto de vista prático do compartilhamento de significados, que dependem da reação ou da expectativa de reação por parte dos envolvidos.

Desse modo, ao manifestar-se através de textos, o indivíduo o manifesta através de um gênero textual e, ao produzi-lo, realiza um ato social, pois o gênero textual funciona como um instrumento de organização das atividades sociocomunicativas do cotidiano. E a linguagem está presente em todas as ações sociais.

A partir das sugestões de abordagem para análise de gêneros, proposta por Bazerman (2005) – com as quais o autor propõe: analisar inúmeros textos de igual gênero, usando vários conceitos de análise linguística, retórica ou organizacional menos óbvios; aumentar a amostra para observar variações em situações diversas e caracterizar o gênero a partir de olhares dos elaboradores e receptores desses textos –, torna-se possível descrever e estabelecer uma reflexão sobre o uso do gênero convite pelos grupos de pessoas que conversam nas portas de suas casas.

Bazerman (2005) ainda sugere que se faça uma pesquisa etnográfica, coletando textos que as pessoas usam ao longo de um determinado período e anotando suas ocorrências, seus propósitos, os processos de produção e interpretação desses textos, para melhor compreender o comportamento das pessoas envolvidas com determinado campo e das práticas implícitas no ato de elaborar e interpretar textos.



Nesse processo de interpretação, os fatores culturais e situacionais determinam a adequação e aceitabilidade do gênero. Tornou-se, assim, imprescindível a criação de linhas de pesquisa nos estudos de linguagem que estudassem a interação entre os indivíduos, regidas por comportamentos dos falantes, surgindo, com isso, os estudos sociolinguísticos.

O aprofundamento desses estudos entre a comunicação verbal e os grupos humanos, impulsionou o surgimento da expressão etnografia da comunicação.

O conceito da etnografia da comunicação, definido por Saville-Troike apud Lima (1996, p. 56), é que se trata de uma ampliação do campo de investigação da fala, a fim de abranger aspectos da comunicação e outros sistemas que a compõem, garantindo situações reais de interação social através de amostras coletadas durante o cotidiano básico a que são expostos todos os dias.

Na Sociolinguística Interacional, defendida por Gumperz (1986), comportam-se eventos de fala e os gêneros textuais, na tentativa de compreender-se, através da análise de elementos orais e escritos, o funcionamento das interações entre participantes de pequenos grupos de comunidades específicas.

Dessa forma a linguagem constitui-se dos atos sociais e culturais, refletindo os significados construídos pelo grupo. Por esse motivo, a comunicação não pode ser estudada de forma isolada, nem vista apenas por seus elementos estruturais, mas dentro do contexto em que se manifesta, levando-se em conta a expectativa e as inferências individuais dos falantes, analisando as intenções e as respostas dos interlocutores num evento comunicativo.

Baseado nessa perspectiva, Hymes (1974) sugeriu um modelo de etnografia da comunicação que une os componentes essenciais para analisar-se um evento comunicativo: o cenário, os participantes, o propósito, o conteúdo, o tom, o canal, as normas interacionais e o gênero.

Incluindo o gênero no modelo etnográfico da comunicação, Hymes (1974), visa identificar características formais que indicam o propósito de um evento comunicativo, informando sobre outros textos do mesmo gênero.

Bortoni-Ricardo (2005) explica que, para uma análise sociolinguística apurada, é essencial submeter as amostras a três continua: o continuum de urbanização; o de letramento e o de monitoração estilística. Neste artigo, trabalharemos, apenas com os continua de letramento e de monitoração estilística. O primeiro diz respeito às práticas sociais utilizadas por esses informantes e o segundo



designa a observar os processos cognitivos de atenção e planejamento no momento da enunciação.

O conceito de continuum utilizado nesse trabalho baseia-se nos estudos de Bortoni-Ricardo (2005), que caracteriza oralidade e letramento como um conjunto, cuja relação efetua-se no contexto do efetivo uso linguístico, manifesto na produção textual conjunta entre emissor e interlocutor. E esta co-ocorrência de linguagem oral, escrita e entre gêneros é que se chama continuum.

Letramento, de acordo com Marcuschi (2007), é um conjunto de práticas sociais com a leitura, a escrita e a interpretação em contextos informais para fins utilitários.

Com essa perspectiva, a teoria do letramento interessa-se pelo contexto sociocultural imbricado no processo de escrita, leitura e interpretação de textos, levando em conta as escolhas lexicais e pragmáticas do emissor e o conhecimento do interlocutor diante dessas escolhas, regidas pelo valor cultural dos membros envolvidos divididos em graus dispostos num continuum.

Quanto à monitoração estilística, Bortoni-Ricardo (2005) afirma que os fatores que condicionam a monitoração estilística são: o ambiente em que ocorre a análise, se este é familiar ao sujeito ou não; o tipo do interlocutor, se há algum grau de proximidade entre o falante e seu interlocutor e o tópico da conversa, se o informante tem conhecimento sobre o assunto abordado ou não. Essas interações podem ser, ou completamente espontâneas, ou previamente planejadas, exigindo total atenção por parte do falante.

A monitoração que leva à variação estilística depende de fatores contextuais empregados pelo falante durante a ação comunicativa, disposto em um continuum que vai da máxima informalidade até a máxima formalidade.

A análise das interações sociais ocorridas entre os grupos de pessoas que conversam nas portas de suas casas adotando os dois continua mencionados foi feita através de episódios contextualizados, envolvendo os sujeitos da pesquisa, pertencentes às mais diversas redes sociais.

A partir dos estudos de Marcuschi (2007), é possível afirmar que o gênero convite na modalidade escrita é monitorado; tem, geralmente, extensão de texto curta, estrutura textual fixa e remete a um grupo fechado de participantes conhecidos do emissor, sem troca de falantes. Possui função interpessoal e tema combinado. O canal em que o convite na modalidade escrita é veiculado é



basicamente o texto escrito. Alguns convites, sobretudo os de festa de aniversário e de formatura, possuíam, além de texto escrito, imagens como a foto do aniversariante, imagens de desenhos, caricaturas, símbolos entre outros.

Em práticas de letramentos, observa-se o comportamento dos informantes, direcionando o seu olhar para os elementos de maior interesse, seja uma fotografia, uma imagem, a data e o local. Após o aceite do convite e, a partir dos aspectos verificados, predomina entre os informantes a seguinte interpretação implícita: “preciso comprar o presente”, “com que roupa devo ir?”, “como chegarei ao local do evento?”, “sei onde fica o local do evento?”, “tenho disponibilidade para ir ao evento neste dia e neste horário?”, “eu conheço os outros convidados?” etc.

De acordo com Marcuschi (2007), uma das características principais do gênero convite é o conteúdo, cujo objetivo é solicitar a presença do receptor em determinado evento, com uma finalidade específica.

Na produção textual não podem faltar o nome de quem solicita a presença, quando e onde será o evento e qual a sua natureza (aniversário, casamento, formatura, colação de grau, missa de sétimo dia, chá de panela, chá de casa nova, chá de bebê, chá de fraldas) e pode vir ou não acompanhado de uma obrigatoriedade. No exemplo dos convites de chá de panela, chá de casa nova, chá de bebê chá de fraldas acredita-se que o convidado leve um presente de acordo com o tema do evento.

3. Metodologia

Para conseguir-se êxito nos objetivos traçados era necessário utilizar-se de uma metodologia de pesquisa que correspondesse de forma eficaz na busca por resultados reais, isto é, que não fossem prejudicados e/ou inibidos pela presença do pesquisador. Optou-se, então, em fazer uma análise microetnográfica, sugerida por Erickson (1990), averiguando a estrutura comunicativa de acordo com a perspectiva teórico-metodológica da etnografia da comunicação, proposta por Hymes (1974) e complementada por Gumperz (1986), que consiste na observação, na análise e na descrição de registros, através de conversa informal e de materiais escritos coletados.

Em seguida, foram coletadas as amostras e selecionado o corpus, que foi dividido em dois grupos de moradores da periferia de Teresina, de diferentes faixas-etárias: o 1º grupo é formado por sete senhores da zona sul (dois maranhenses e cinco teresinenses) e quatro senhores da zona norte (um cearense



e três teresinenses), totalizando onze pessoas entre 35 e 50 anos. Todos são moradores da cidade de Teresina há mais de quinze anos, e não tiveram contato com outra localidade há mais de cinco anos. O 2º grupo é formado por onze jovens da zona sul (dois paraenses, um maranhense e oito teresinenses) e cinco da zona norte (dois maranhenses e três teresinenses) entre 15 e 25 anos, totalizando dezessete pessoas. Todos moram na capital piauiense há mais de dez anos e tiveram pouco contato, ou contato em um curto período de duração com outra localidade há mais de dois anos. Ambos os grupos reúnem-se diariamente nas portas de suas casas, dispostos, geralmente, cada grupo em uma extremidade da rua.

O período de coleta das amostras foi de 27 de agosto a 27 de dezembro de 2008, de 05 de abril a 24 de julho de 2009 e de 22 de março a 13 de dezembro de 2010, uma a duas vezes por semana, com exceção dos dias de chuva, dias de participação em eventos, datas comemorativas, férias entre outras eventualidades das mais diversas razões. Os procedimentos de abordagem foram: a conversa informal, a observação, a descrição e a análise dos dados registrados e dos materiais coletados, auxiliados pelos seguintes instrumentos: aparelho de gravação MP7 em formato wav; máquina fotográfica embutida em aparelho MP7; caderno de anotações e espectrograma computadorizado.

Este artigo justifica-se pela capacidade de compreender o processo interacional de um grupo social a partir da compreensão de habilidades da escrita no estudo de gêneros. Bazerman (2005) afirma que a análise de gêneros, através da pesquisa etnográfica, permite-nos compreender as interações do ser humano, avaliando a adequação e a eficácia do gênero para determinado trabalho.

Inicialmente, serão apresentados alguns conceitos que norteiam este artigo, em seguida, será descrito, como subitem, o comportamento social e linguístico dos informantes diante da elaboração e da recepção do gênero convite em suas modalidades oral e escrita. Finalmente, serão expostas as considerações acerca desse comportamento dos grupos de pessoas que conversam nas portas de suas casas.

A seguir, serão apresentados os eventos de oralidade e os eventos de letramento relacionados ao uso, à recepção, à leitura e à elaboração do gênero convite pelos dois grupos de pessoas que conversam nas portas de suas casas: o grupo de adultos e o grupo de jovens. É válido lembrar que os nomes dos informantes foram modificados com a finalidade de preservar a identidade dos

mesmos.

4. Resultados

As primeiras curiosidades a surgirem acerca da leitura coletiva de convites dizem respeito à concepção da função social que o gênero possui. O objetivo de um convite de aniversário, por exemplo, é convidar um destinatário a se fazer presente na festa, informando-lhe a data, o horário e o local em que acontecerá o determinado evento.

A seguir, tem-se um exemplo de convite de aniversário infantil (Foto 01), que foi distribuído por uma senhora, sujeito da pesquisa, a alguns moradores da zona sul, também sujeitos da pesquisa. O convite traz um breve texto que introduz a função de convidar o destinatário a marcar presença em sua festa, com linguagem infantil e subjetiva. A seguir, informa a data, a hora, o local e, ao lado da fotografia, o nome da criança. Quanto à data, há um erro de digitação relacionado ao ano vigente, na época, era 2008, e no convite constava 2004. A maioria dos sujeitos interrogados não atentou ao fato de o ano explanado no convite não corresponder ao ano em curso, pois simplesmente detiveram seus olhares à data (dia e mês) e ao local do evento e, após serem alertados do erro, comportaram-se como leitores-colaboradores, inferindo a informação de que o convite se tratava do corrente ano. Outro fato curioso que se pode observar é que não há referência alguma que possa auxiliar a localização. Interrogando a autora do convite, ela disse que não haveria necessidade de acrescentar a informação de ponto de referência, pois havia convidado, apenas, pessoas que moram próximo e que sabem onde fica o local do evento.

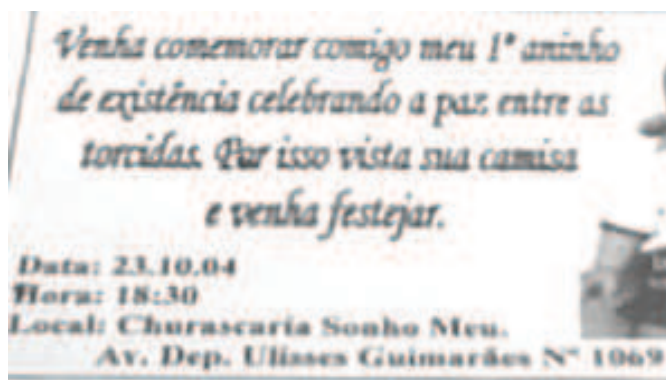


Foto 01 – Convite de festa de aniversário infantil 1



No convite, a seguir (foto 02), não há menção ao endereço, pois se pressupõe que os convidados saibam onde fica o local da festa, considerando que o aniversariante convidou, em sua maioria, profissionais de sua classe para a festa a ser realizada no clube de sua categoria profissional. É pressuposto, também, que os demais (familiares e amigos) saibam o endereço do clube em que acontecerá a comemoração do aniversário.



Foto 02 – Convite de aniversário masculino

Este convite apresenta como título “Aniversário do Fulano (apelido caricatural do aniversariante)”, recheado de humor, assim como o modo em que sua idade foi informada aos convidados. Acredita-se que os convidados conheçam o aniversariante pelo apelido e impõe – sutilmente, valendo-se do humor – o compromisso de os convidados levarem sua própria bebida, prática comum em aniversários entre amigos. O continuum de monitoração estilística permite descrever as estratégias de escolha lexical, os frames, as estratégias pragmáticas e retóricas escolhidas intencionalmente.

Paré e Smart (1994) veem o gênero como uma estratégia retórica mais ampla dentro de uma comunidade, associado a um padrão de regularidade na produção e na interpretação de textos. E essa visão permite verificar a interação entre escritores e leitores e as regularidades na organização da informação, pois os gêneros realizam movimentos retóricos e funções na mesma ordem: um título, que pode ser uma saudação, um chamamento, ou o nome do convidado; um texto, informando a natureza do evento; o nome do local, podendo ser acompanhado ou não de ponto de referência e a data do evento com o horário.

Para Miller (2009), gêneros são ações retóricas que respondem a situações sociais correspondentes. Atribuindo o valor de construção retórica, os gêneros

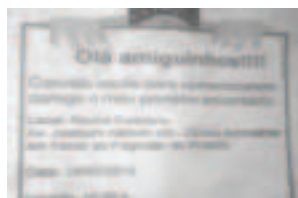
refletem uma projeção discursiva de características comuns e modos de interação.

Os frames, estruturas cognitivas básicas que guiam a percepção e a representação da realidade, guiam naturalmente o interlocutor no processo comunicativo, como estabelecidos por alterações de tom de voz e orações intercaladas. No caso do convite anterior, podem-se notar sentenças em negrito, acompanhadas de dois pontos, como se fossem indagações essenciais mediadas por uma espécie de terceira pessoa ao aniversariante e, em seguida, a resposta dele aos convidados, adquirindo à forma do convite uma nova roupagem e garantindo humor ao ato de convidar os amigos para o seu aniversário.

Miller (2009) assegura que a forma e a substância de um gênero possuem uma relação hierárquica entre si, garantindo que a forma cause um efeito à substância que incite uma atitude do leitor, como afirma:

“A forma modela a resposta do leitor ou ouvinte à substância ao fornecer uma instrução, por assim dizer, sobre como perceber e interpretar; essa orientação dispõe a audiência a antecipar, a se sentir gratificada, a responder numa certa maneira. Vista assim, a forma se torna um tipo de metainformação, com valor semântico (como informação) e valor sintático (ou formal).” (MILLER, 2009, p.34).

O convite ilustrado na foto 03, a seguir, possui um título com chamamento, que funciona como saudação e texto infantil mais objetivo. Além de informar o endereço do local da festa, a data e o horário em que ela ocorrerá, o convite informa o ponto de referência do local do evento, supondo que seus convidados precisem desta informação para não correr o risco de errarem o endereço. Neste caso, esse convite foi recebido por uma família informante desta pesquisa, que mora na zona sul, cujos remetentes foram parentes que moram na zona sudeste, região do Grande Dirceu. De acordo com uma informante, a informação dessa referência é suficiente para saber o endereço do referido local.



Olá amiguinhos!!!!
 Convido vocês para comemorarem comigo o meu primeiro aniversário.
Local: Rocha Eventu's Av. Joaquim Nelson s/n – Dirceu Arcoverde em frente ao Pagodão do Rivaldo.
Data: 24/09/2010
Horário: 19:00 h

Foto 03 – Convite de festa de aniversário infantil 2



Na capa deste convite, há a fotografia da criança aniversariante, porém não constava seu nome, como no convite anterior. E a convidada não soube informar o nome do garoto, como se constata no episódio, a seguir.

D. Vânia: “– Óí, L.(pesquisadora). Que tu gosta de ver convite.”

Pesquisadora: “Ô, mô Dezu! E esse bebezim fofo!”

D. Vânia: “– É meu subrim.”

Pesquisadora: “Comé o nome dele?”

D. Vânia: “– Eu nem sei (+++). Ele fi da prima do Gilvan” (esposo de D. Vânia)

Episódio 01: D. Vânia mostra convite de festa de aniversário infantil 2 para a pesquisadora – gravação nº 42 (30/08/10).

No que diz respeito à elaboração de convites, os informantes demonstram conhecer a estrutura de um convite, apresentando neste as informações que acreditam ser primordiais para a execução da função desse gênero.

Observam-se, na foto 04, os rascunhos da elaboração de um convite de casamento. Identificam-se, primeiramente, as informações que a autora julga ser necessária constar em um convite de casamento. No início, a autora acredita que um convite de casamento precisa de uma leitura da Bíblia, e dá continuidade ao texto, acrescentando os nomes dos pais dos noivos como anfitriões. Um dos pais é falecido, e a autora viu a necessidade de acrescentar, em parênteses a informação “in memória”, na tentativa de adequar-se à expressão latina “in memorian”, utilizada para referir-se a um ente falecido. Em seguida, a autora do convite acrescenta o nome dos noivos numa posição central do convite. A seguir, informa a data, a igreja e o local em que ocorrerá a recepção dos convidados. Observa-se que, neste convite, não há menção ao endereço ou ponto de referência dos locais informados. Interrogada acerca de tal questão, a autora alega não precisar informar o endereço porque todos os seus convidados sabem onde ficam os locais citados. No mesmo rascunho, aparece uma lista com os nomes dos convidados.

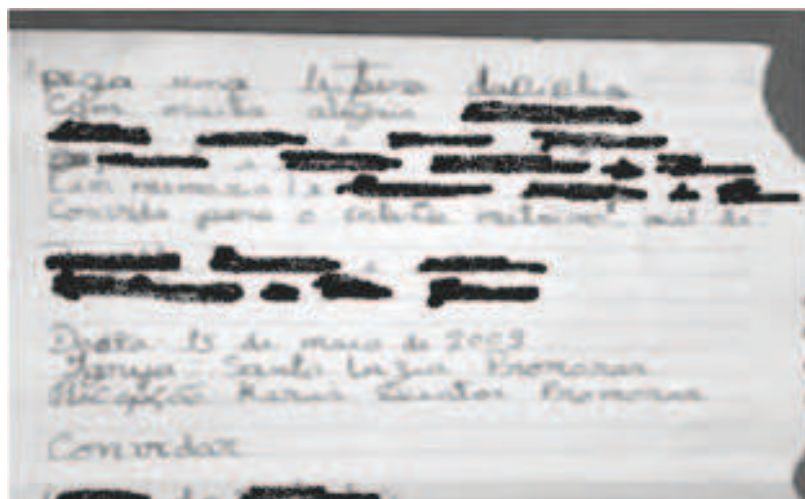


Foto 04 – Elaboração de convite de casamento

"Pega uma leitura da Bíblia

Com muita alegria F. A. P. e M. J. P., e A. C. S. (im memória) e C. A. S. convida para o enla(m)sse matrimo-nial de: R. P. e A. C. S. J.

Doata: 15 de maio de 2009

Igreja: Santa Luzia Promorar

Recepção: Keru's Eventos Promorar

Convidar

L. da Z. [...]". (Transcrição Informante 3, Teresina, 2009)

Considerações finais

Este artigo objetivou descrever como o gênero convite é concebido pelas pessoas que conversam nas portas de rua enquanto função social e informativa.

Ao pesquisar os aspectos relevantes do gênero convite, foi possível observar que:

- os sujeitos da pesquisa tiveram atitude de leitor-colaborador, inferindo informações implícitas no texto, e observando, apenas, informações que julgam



ser necessárias para que o texto atinja sua função informativa. A forma moldou a substância a fim de que os convidados percebessem que deveriam tomar determinada atitude diante de cada convite;

- todos os informantes afirmaram sentir-se verdadeiramente convidados a um determinado evento quando recebem o convite na modalidade escrita. E 40% do total de informantes afirmaram que não costumam ir a eventos sem ser convidados por escrito, delegando, assim, extrema importância ao convite escrito, sobrepondo o convite oral;

- os pesquisados preocupam-se com a linguagem contida na elaboração do convite, a fim de que este seja claramente compreendido sem alterar a forma do gênero.

Referências

BAZERMAN, C. Gêneros textuais, tipificação e interação. Ângela Paiva Dionísio, Judith Chamblis Hoffnagel (orgs.). Revisão técnica Ana Regina Vieira et al. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. Nós cheguem na escola, e agora? São Paulo: Parábola, 2005.p.39-53.

ERICKSON, F. Qualitative methods, research in teaching and learning. vol. 2. New York: Macmillan Publishing Company, 1990.

GUMPERZ, J. J. & HYMES, D. (orgs.). Directions in sociolinguistics. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1986.

HYMES, D. Foundations in sociolinguistics. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

LIMA, M. G. S. Os usos cotidianos de escrita e as implicações educacionais: uma etnografia. Teresina: EDUFPI, 1996. p. 56-59.

MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MILLER, C. R. (2009). Gênero como ação social. In: C. R. Miller. Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia (pp. 61-92). Recife: UFPE.



PARE, A. & SMART, G. (1994). Observing genres in action: towards a research methodology. In: A. FREEDMAN, & P. MEDWAY, Genre and the new rhetoric (pp. 146-154). London and New York: Taylor & Francis.

Abstract

This paper takes the posture of Bazerman (2005) to identify gender as a social fact. This paper aims at describing how groups of people who talk in the doors of their homes in the city of Teresina – Piauí conceive the gender invitation from its social and informative function. The methodology used for collecting and obtaining data follows the microethnographic model suggested by Erickson (1990). Among the various samples, the corpus selected for this research is composed by events of orality and literacy, specifically with regard to invitations distributed and received by two groups living in the outskirts of the capital of Piauí, in different age groups. All of them live in the capital of Piauí for over than ten years and had little contact or contact in a short period with another place for more than two years. The approach procedures were: informal conversation, observation, description and analysis of data recorded and collected materials. Thus, we could observe that in some events, the act of inviting only was legitimized and accepted by members of the community as a real fact from the delivery or receipt of the invitation in written form.

Keywords: Invitation. Social Function. Street doors.

